

A FRATERNIDADE

A fraternidade é um elemento constitutivo dos franciscanos. Quem se reconhece no carisma de Francisco de Assis também faz seu aquele estilo de vida particular que molda a identidade de uma pessoa.

A fraternidade, de fato, não é uma qualidade ou um atributo, um acessório que podemos ou não ter, mas é um elemento constitutivo da nossa identidade. Dizer que somos irmãos significa reconhecer que estamos antes de tudo em relação uns com os outros. Esta relação, para quem acredita, tem o seu fundamento numa Pessoa que está acima de todos, de quem todos dependemos e que por isso reconhecemos como Pai. O Pai, como fonte comum de vida para cada pessoa humana, é também reconhecido como origem de toda forma de vida, e por isso Francisco pode atribuir também uma relação de fraternidade às outras criaturas.

Gostaria, portanto, de abordar hoje convosco estes três pontos que emergem do conceito de fraternidade: 1. a relação constitutiva entre as pessoas; 2. a relação constitutiva com Deus; 3. a relação constitutiva com outras criaturas.

1. A relação constitutiva entre as pessoas

O conceito de fraternidade não é interpretado por todos da mesma forma. Pensemos na ideia de fraternidade que os revolucionários franceses tinham. Essa ideia de fraternidade, "fraternité", era a bandeira sob a qual só se reconheciam aqueles que se opunham ao antigo regime. Era um ideal de oposição: a irmandade do povo contra os privilégios do antigo regime. Uma ideia de irmandade "exclusiva", que excluía aqueles que não queriam se reconhecer nos ideais revolucionários. A ideia de fraternidade que emerge dos escritos de Francisco e da sua experiência de vida, como testemunham os hagiógrafos, é de um tipo completamente diferente. É uma ideia "inclusiva", onde há lugar não só para quem pensa como eu, mas também para quem é muito diferente de mim, mesmo aquela pessoa que eu humanamente nunca consideraria digna do meu interesse, como os bandidos por exemplo.

Partimos desta passagem da Lenda Perugina para interpretar o conceito de fraternidade segundo Francisco.

Num eremitério que ficava acima do Borgo San Sepolcro, houve um tempo em que os ladrões vinham de vez em quando pedir pão aos frades.

Viviam eles escondidos nos densos bosques da região, donde saiam para saquear e assaltar aos viandantes. Alguns frades murmuravam: "Não está certo que estejamos a dar esmola a esta casta de ladrões, que tanto mal fazem neste mundo". Havia outros frades que se deixavam comover pela humildade com que os ladrões pediam o pão, e pela evidente necessidade; e lá iam dando a esmola, sem deixar de lhes recomendar que mudassem de vida.

Entretanto chegou ali o bem-aventurado Francisco, a quem os frades perguntaram se podiam continuar a dar-lhes o pão. Respondeu o santo: "Se fizerdes como vos vou dizer, espero que ganhareis as suas almas. Ide procurar pão, do bom; e vinho, do melhor. Levai tudo convosco lá aos esconderijos da floresta, onde sabeis que eles estão refugiados. Chegando perto, gritai com força: 'Irmãos ladrões, vinde cá! Nós somos irmãos e trazemo-vos bom vinho! Eles hão de acudir logo à vossa chamada. Vós então estendeis uma toalha no chão, sobre a qual pondes o pão e o vinho. Com humildade e alegria haveis de servi-los, enquanto comerem. Depois de

comerem, haveis de falar-lhes do Senhor e, à despedida, fareis este primeiro pedido: que, por amor de Deus, vos prometam não bater nem fazer mal a pessoa alguma. É que, se pedis tudo ao mesmo tempo, não vos darão ouvidos; mas, em atenção à vossa caridade e humildade, eles vão prometer-vos. No dia seguinte fareis a mesma coisa; e como recompensa da promessa anterior que fizeram, além do pão e vinho, levareis também ovos e queijo, que lhes servireis, enquanto comem. Quando acabarem de comer dizei-lhes: 'Por que ficais aqui todo o dia a morrer de fome, a sofrer tanto, e em desejo e em ações fazeis sofrer os outros, perdendo as vossas almas se vos não converterdes? Seria para vós muito melhor que vos entregásseis ao serviço do Senhor, que vos dará neste mundo o necessário para o corpo; e por fim, salvará as vossas almas'. E o Senhor, na sua misericórdia, os inspirará à conversão, pela caridade e humildade com que os tratardes".

Foram pois os frades e fizeram tudo o que o bem-aventurado Francisco lhes recomendou. E os ladrões, por misericórdia e graça de Deus, ouviram e cumpriram, à letra, ponto por ponto, todos os pedidos que os frades lhes fizeram. Impressionados com a cordialidade e caridade dos frades, começaram até a carregar lenha para o eremitério, onde alguns deles, por graça de Deus, merecida com aquela familiaridade e caridade, deram entrada na Ordem; outros converteram-se à penitência, jurando nas mãos dos frades, que não voltariam aos antigos crimes, mas que, de futuro, iam viver do trabalho de seus braços.

Os frades, e quantos ouviram contar o sucedido, ficaram surpreendidos e admirados com a santidade do bem-aventurado Francisco, e da rápida conversão, por ele predita, destes homens sem fé nem lei (Legenda perugina, § 90, FF 1646).

O que emerge desta passagem é uma espécie de pedagogia de Francisco em aproximar quem está longe, segundo a parábola do Bom Samaritano, na qual Jesus nos lembra que o próximo não é aquele que está mais próximo de mim, mas o próximo é aquele de quem me aproximo. Da mesma forma, podemos dizer que irmão e irmã não são aqueles que já estão naturalmente próximos de mim ou que de alguma forma posso considerar próximos do meu coração, queridos amigos, irmãos na fé. Irmão e irmã são todos aqueles de quem decido me aproximar para construir um relacionamento fraternal. Até os "irmãos ladrões".

Desta forma podemos compreender melhor o significado da fraternidade franciscana. Não se trata de fazer coisas boas juntos, nem necessariamente de viver juntos. É verdade que os frades e freiras franciscanos vivem em comunidade, mas a intuição de Francisco, a da fraternidade como estilo de vida, pode ser partilhada por qualquer pessoa, desde que entre nesta perspectiva e se relacione com os outros sem esperar nada do outro e, na verdade, entregando-se ao outro numa relação de serviço.

Deve-se acrescentar, de fato, que Francisco não só se considera irmão de todos, mas também se considera e quer que os frades sejam considerados "menores", isto é, irmãos os mais pequenos. Assim, outro elemento importante da fraternidade, que sempre a acompanha, é o da "minoridade". Vemos isso claramente nesta advertência escrita por Francisco aos seus frades, mas válida para todo franciscano.

Bem-aventurado o servo que, sendo louvado e exaltado pelos homens, não se considera melhor do que quando é tido por insignificante, simplório e desprezível.

Porque o homem vale o que é diante de Deus e nada mais. Ao do religioso que, enaltecido pelos outros, em sua obstinação não quer mais descer. E bem-aventurado o servo que não é por sua vontade enaltecido e que continuamente deseja ser posto debaixo dos pés dos outros (Admoestações 20).

Nosso valor é dado pelo olhar de Deus sobre nós, não por nossos papéis ou qualificações, riqueza ou posições de prestígio. Devemos saber sempre colocar-nos no espírito de serviço, na lógica da minoridade. É necessário também ter uma visão pacífica de si mesmo e dos outros

para entrar nesta lógica de fraternidade. A fraternidade vivida exige que nunca esperemos que o outro seja como eu quero. Lemos este trecho da carta a um ministro, em que Francisco dá uma indicação preciosa a um ministro provincial, isto é, ao superior de uma província religiosa dos frades, que está em dificuldade porque não é ouvido e obedecido pelos outros frades.

A Frei N... ministro.

O Senhor te abençoe!

O melhor que te posso dizer com relação às dificuldades de tua alma é isto: Considera como uma graça tudo quanto dificultar o teu amor a Deus nosso Senhor, bem como as pessoas que te causam aborrecimentos, sejam irmãos, ou gente de fora, mesmo que cheguem a te fazer violência. Esta seja a tua vontade e nada mais.

E esta seja a tua orientação na verdadeira obediência para com Deus nosso Senhor e para comigo, porque sei com certeza que é esta a verdadeira obediência.

Ama aos que assim contra ti procedem, não exigindo deles outra coisa senão o que o Senhor te der. E justamente nisso deves amá-los, nem mesmo desejando que eles se tornem cristãos melhores. E isto te valha mais do que a vida no eremitério. E nisto reconhecerá que amas realmente o Senhor e a mim, servo dele e teu, se fizeres o seguinte: não haja irmão no mundo, mesmo que tenha pecado a não poder mais, que, após ver os teus olhos, se sinta talvez obrigado a sair da tua presença sem obter misericórdia se misericórdia buscou. E se não buscar misericórdia, pergunta-lhe se não a quer receber. E se depois disto ele se apresentar ainda mil vezes diante de teus olhos, ama-o mais do que a mim, procurando conquista-lo para o Senhor. E tem sempre piedade de tais irmãos.

(*Carta a um ministro*, vv. 1-75).

Mesmo na comunidade fraterna das Missionárias da Realeza de Cristo é importante tentar adotar esta atitude de fraternidade e minoridade, onde cada um acolhe o outro sem esperar que sejam melhores, sem esperar que sejam como queremos. Na comunidade fraterna encontrareis pessoas muito diferentes de vós, talvez até pessoas com quem não se gostaria de partilhar esta escolha de vida. Mas ser Missionárias significa antes de tudo viver o carisma de Francisco em fraternidade. Não significa viver juntos, não significa ter a mesma opinião e as mesmas ideias sobre tudo, pelo contrário a irmandade é tanto mais rica quanto mais diferentes são as pessoas que a compõem.

A fraternidade não é a homologação e a mortificação de cada individualidade, mas é o reconhecimento de que o outro-que-eu é fundamental para a minha identidade: sem irmão ou irmã também não posso ser irmão ou irmã de alguém. O conceito de irmão e irmã é um conceito relacional que implica necessariamente a existência do outro. Ou posso aceitar o outro como importante para mim, ou viverei sempre na tensão de quem não tolera a diversidade do outro. De onde vem essa diversidade que nos caracteriza? A biologia diria que deriva da evolução das espécies, porque quanto mais variada uma espécie é internamente, mais chances ela tem de sobreviver mesmo em ambientes muito diferentes. A teologia diz-nos que esta diversidade deriva daquele que é por excelência o criador da pluralidade dos carismas e da multiplicidade das graças: o Espírito Santo. Um olhar teológico sobre a fraternidade nos pede para dar mais um passo e reconhecer que Deus é o fundamento da fraternidade.

2. A relação constitutiva com Deus

Se nos consideramos irmãos e reconhecemos que realmente o somos, é porque temos um pai em comum. Na verdade, todos os irmãos e irmãs derivam de uma única origem. No início da conversão de Francisco está precisamente a intuição de que Deus é o Pai, o único pai verdadeiro, de quem todos dependemos. Relemos o episódio da chamada “espoliação” de Francisco, porque é precisamente aí que encontramos a raiz da sua consciência de ser filho de Deus e irmão

universal. Tenhamos esta passagem em mente quando virmos esta tarde os afrescos de Giotto na basílica superior de São Francisco.

Pedro, [o pai de Francisco], corre ao palácio da comuna queixando-se do filho diante dos cônsules da cidade, e pedindo que o obrigassem a restituir o dinheiro que levara, espoliando a casa. Os cônsules, vendo-o tão perturbado, por meio de mensageiro, intimam a Francisco para que compareça diante deles. Em resposta manda um mensageiro dizer que, por graça de Deus já era livre, e não estava mais obrigado a obedecer aos cônsules, por ser servo somente de Deus altíssimo. [...] Vendo o pai que nada conseguia junto aos cônsules, leva a mesma queixa ao bispo da cidade. Este, discreto e sábio, chama-o paternalmente para que responda à queixa do pai.

[...] [Francisco, então] levanta-se, alegre e confortado pelas palavras do bispo, e entregando-lhe o dinheiro diz: “Senhor, quero devolver-lhe não somente o dinheiro que lhe pertence, mas também as roupas”. Entrando num quarto, tira todas as suas vestes e, colocando o dinheiro sobre elas, aparece nu, diante do bispo, do pai e de todos os presentes, e diz; “Ouçam todos e entendam: até agora chamei de pai a Pedro Bernardone, mas, como me propus servir a Deus, devolvo-lhe o dinheiro, que tanto o vem irritando, bem como todas as roupas, que dele recebi, pois de agora em diante quero dizer: Pai nosso que estás nos céus, e não “pai Pedro Bernardone” E nesse momento se vê que por baixo das vestes coloridas o homem de Deus trazia um cilício com que castigava sua carne.

Levantando-se o pai, extremamente magoado e enfurecido, toma-lhe o dinheiro e todas as vestes. Enquanto Bernardone leva tudo isso para casa, aqueles que tinham assistido à cena indignaram-se contra ele, por não haver deixado ao filho nem mesmo um pano com que se cobrir. E movidos de compaixão começam a chorar sentidamente a sorte de Francisco.

O bispo porém, compreendendo-lhe perfeitamente as disposições de ânimo e admirando-lhe o fervor e a constância, acolhe-o entre os braços, cobrindo-o com seu manto. Sentia em tudo aquilo claramente os designios divinos e entrevia um grande mistério em torno daqueles acontecimentos. Assim, desde esse momento, tornou-se para ele um guia, exortando-o, protegendo-o, dirigindo-o e acolhendo-o com profundo amor. (*Legenda dos três companheiros*, cap. VII, § 19-20, FF 1419).

A relação fundamental com Deus torna-se a rocha sobre a qual Francisco constrói a sua identidade pessoal. Mesmo neste caso, não se trata de um elemento acessório, mas sim de algo estrutural. Sem esta relação, nós, humanos, ficamos sem raízes, e uma árvore sem raízes não dura pouco.

Vocês certamente conhecem muitas pessoas que dizem não acreditar em Deus, ou que simplesmente esperam que Deus exista, mas nunca consideraram completamente o problema de dar um nome, um rosto a esse Deus esperado. Francisco recorda-nos com o exemplo e com as suas palavras que Deus não só existe, mas que é fundamental para a nossa vida: não podemos viver sem ele, porque a nossa própria pessoa tem a sua origem nele.

No auge da sua experiência de vida, Francisco experimenta a comunhão mais profunda com Deus no Monte La Verna, que também se torna carne da sua carne nos estigmas. Naquela montanha, Francisco compôs uma das mais belas orações da tradição cristã: os *Louvores ao Deus Altíssimo*. É um louvor que vem do amor que reconhece no outro, em Deus, um “tu” a quem recorrer, sem o qual nada temos. Aqui estão suas palavras:

Vós sois o santo Senhor e Deus único que operais maravilhas
Vós sois o Forte.

Vós sois o Grande.

Vós sois o Altíssimo. Vós sois o Rei onipotente, santo Pai, Rei do céu e da terra.

Vós sois o Trino e Uno, Senhor e Deus, Bem universal.

Vós sois o Bem, o Bem universal, o sumo Bem, Senhor e Deus, vivo e verdadeiro.

Vós sois a delícia do amor.

Vós sois a Sabedoria.
Vós sois a Humildade.
Vós sois a Paciência.
Vós sois a Segurança.
Vós sois o Descanso.
Vós sois a Alegria e o Júbilo.
Vós sois A justiça e a Temperança.
Vós sois a plenitude da Riqueza.
Vós sois a Beleza
Vós sois a Mansidão.
Vós sois o Protetor.
Vós sois o Guarda e o Defensor.
Vós sois a Fortaleza.
Vós sois o Alívio.
Vós sois a nossa Esperança.
Vós sois a nossa Fé.
Vós sois a nossa inefável Doçura.
Vós sois a nossa Vida, ó grande e maravilhoso Deus, Senhor onipotente, misericordioso Redentor (*Louvores a Deus Altíssimo*, FF 261).

Ora, se Deus é fundamental para a existência de cada pessoa humana, compreenderemos como ele não pode ser senão a origem de tudo o que nos rodeia.

3. A relação constitutiva com as outras criaturas

Não é apenas a Revelação, a Sagrada Escritura, que o diz. Quando entendo que a minha pessoa também não faz sentido sem a referência Àquele do qual venho, entendo que esta origem é o que também dá origem a tudo aquilo com quem me relaciono, porque nós, humanos, não poderíamos viver sem o mundo em que habitamos. Portanto, se Deus é central na minha vida, Ele será central em tudo que me dá vida. Eis então a fraternidade vivida com os outros seres humanos ampliada para um olhar que acolhe todo o cosmos num abraço abençoadão.

Francisco pode cantar o *Cântico das Criaturas* como louvor a Deus pelo dom de cada elemento que nos nutre e nos dá vida, nos sustenta e nos alimenta.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra toda a benção.
Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.
Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor sol,
Que clareia o dia e com sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante com grande esplendor:
De ti, Altíssimo é a imagem.
Louvado sejas meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras e preciosas e belas.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento,
Pelo ar ou nublado ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde e preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo

Pelo qual iluminas a noite
E ele é belo e jucundo e vigoroso e forte.
Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a mãe Terra,
Que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.
Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que as sustentam em paz
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a Morte corporal
Da qual homem algum pode escapar.
Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!
Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.
(*Cântico do irmão sol ou das criaturas*, FF 263).

Este olhar abençoador é tanto mais importante para nós hoje quanto mais dramática é a situação que vivemos na atual crise ecológica global. A fraternidade que vivemos como franciscanos não pode deixar de levar em consideração também todas as outras criaturas que, como nós, dependem da mesma origem. Como franciscanos, somos chamados a assumir a atitude de fraternidade também para com as outras criaturas, segundo aquele espírito que anima Francisco quando, na conclusão da oração *Saudação a todas as virtudes*, pede que os cristãos estejam preparados para acolher obedientemente até mesmo aquilo que vem de criaturas inferiores a nós.

A santa obediência confunde todos os desejos sensuais e carnais e mantém o corpo mortificado para obedecer ao espírito e obedecer a seu irmão,
E torna o homem submisso a todos os homens deste mundo
E nem só aos homens, senão também a todas as feras e animais irracionais,
Para que dele possam dispor a seu talante,
Até o ponto que lho for permitido do alto pelo Senhor.
(*Elogio às virtudes*, vv. 14-18, FF 258).

Eu disse “criaturas inferiores a nós”, porque esta era a maneira de pensar do homem medieval e porque esta é, em última análise, também a nossa maneira de pensar. Nós, humanos, nos consideramos superiores aos animais e às plantas. A conversão que Francisco nos pede é que nos consideremos “menores” que todos os outros, obedientes também às outras criaturas. Desta forma já não existem criaturas superiores e criaturas inferiores, mas somos todos verdadeiramente irmãos e irmãs do único Deus.

É claro que a nós, humanos, foi confiado o cuidado das outras criaturas, somos ministros de Deus na criação, mas isto é mais um apelo à nossa responsabilidade do que uma concessão ao nosso livre arbítrio.

Repassemos os três pontos que analisamos (a relação constitutiva entre as pessoas; a relação constitutiva com Deus; a relação constitutiva com as outras criaturas), e enquanto tentamos meditar sobre eles hoje, vamos pensar em que passos concretos podemos dar para converter o nosso coração segundo a intuição de Francisco e ser portadores no mundo da boa nova da fraternidade universal.

Fr. Ernesto